

Banqueiros temem a instabilidade

ESTADO DE SÃO PAULO

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Um explicou que "o Brasil voltou ao normal", à sua crise permanente. Outro, que no Brasil de hoje não se pode prever o que acontecerá na semana que vem. E mais um, o único brasileiro à mesa do Conselho das Américas, no Departamento de Estado Norte-Americano, garantiu que "o Brasil é um ótimo investimento a longo prazo", acalmando a platéia de banqueiros, empresários, investidores e políticos com seu otimismo, às vezes bem-humorado.

"O Brasil pode até voltar a falar com o FMI — antecipou o presidente da Sid Informática, Antonio Carlos Rêgo Gil, que "não conseguia explicar o Brasil para a IBM", quando trabalhava lá, e que também já estava "cansado" de tentar explicar a IBM para o Brasil. A reunião de ontem no Departamento de Estado tinha o objetivo de investigar "o clima de negócios no Brasil", no contexto de mais uma assembléia do Conselho das Américas.

A reunião de ontem, da qual participaram o secretário de Estado George Shultz e o banqueiro David Rockefeller, foi aberta e presidida pelo ex-embaixador americano Langhorne A. Motley, que nasceu no Rio de Janeiro e serviu em Brasília entre 1981 e 1983. E além do brasileiro Antonio Carlos Rêgo Gil, sentava-se à mesa o ex-presidente da Anderson Clayton brasileira, Donald E. Wilson, hoje aposentado. Foi ele quem disse algo que pareceu surpreender seus dois companheiros à mesa: que o



Shultz fala, Rockefeller atento

adiamento do Plano Cruzado II para depois das eleições serviu para levar mais deputados conservadores para a Constituinte.

Motley resumiu a História recente do Brasil, desde 1964, para situar a platéia nos acontecimentos das últimas duas semanas, desde a renúncia de Dilson Funaro. Passou pela abertura, anistia, a doença de Tancredo, a posse de Sarney e o cruzado, até chegar à conclusão de que a economia brasileira é centralizada, mas sem ter um centro, desde o tempo de Getúlio Vargas. Já Antonio Carlos Rêgo Gil, da Sid Informática, prosseguiu a história iniciada por Motley, focalizando apenas os aspectos puramente econômicos, os Planos Cruzados I e II, o gatilho salarial e a moratória, e a renúncia de Funaro, declarando que o novo ministro está disposto a conversar com o FMI.

"Sou otimista porque acho que

poderemos acertar nosso setor externo. E voltaremos a nosso padrão de crescimento. O Brasil é um bom investimento a longo prazo."

Donald Wilson, ex-Anderson Clayton, comparou o cruzado ao dólar, quando se trata de construir novas capacidades no Brasil, criticou Funaro por querer grandes concessões dos credores estrangeiros sem dar nada em troca, "nem mesmo um plano econômico", e também o Brasil, por tender a desarmar seus problemas, ao invés de solucioná-los. "Mas não vejo nada ameaçador no futuro", disse à platéia.

A primeira pergunta da platéia foi sobre impostos que desencorajam os investimentos estrangeiros. Serão mudados?

A resposta, dada por Rêgo Gil, foi a de que não se deveria esperar muitas mudanças aí, "pois é tempo de Constituinte, e a presente situação deverá ser mantida". A segunda pergunta já foi sobre a dívida, logo, procurando uma definição clara: quando recomearão os pagamentos? "Não sei", respondeu Motley.

As diferenças entre as crises de 1982 e a de hoje foram analisadas por Donald Wilson e ilustradas por uma constatação: "Os bancos não estão chamando ninguém de volta do Brasil..."

— Quando o Brasil vai para o FMI?

Resposta de Gil: "Chame pelo nome que você quiser, mas penso que nós já estamos num tipo de programa do FMI. Não acho que teremos negociações com o FMI, mas algum tipo de palavra terá que ser inventada para o que vai acontecer: monitoramento? Visão panorâmica? E Donald Wilson concluiu: "Acho que nunca mais haverá um escritório do FMI no palácio presidencial em Brasília".